



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Ata da 430ª Reunião Ordinária do Colegiado de Unidade da FEUFF**

1 Aos dezessete dias de janeiro do ano dois mil e dezessete, às catorze horas e  
2 quinze minutos, na sala trezentos e dezoito do bloco D, Campus do Gragoatá,  
3 teve início a 430ª reunião ordinária do Colegiado de Unidade da Faculdade de  
4 Educação, dirigida pelo seu presidente, o Prof. Carlos João Parada Filho.  
5 Assinaram o livro de presença, além do dirigente da reunião, os membros  
6 docentes Everardo Paiva de Andrade, Zoia Ribeiro Prestes, Eunice Schilling  
7 Trein, Jairo Paes Selles, Julián Gindin, José Antônio Miranda Sepulveda,  
8 Denizart da Silva Fortuna, Percival Tavares da Silva, Nívea Maria da Silva  
9 Andrade, Zuleide Simas da Silveira (titulares), Fernando de Araújo Penna,  
10 Mônica Vasconcelos de O. Farias, André Antunes Martins e José Luiz Cordeiro  
11 Antunes (suplentes); o membro técnico-administrativo Francisco Monteiro de  
12 Souza Neto (suplente). **A pauta da reunião:** 1) Avaliação Pedagógica do  
13 Movimento de Ocupação; e 2) Outros Assuntos; O Prof. Carlos Parada  
14 cumprimentou os presentes e apresentou, inicialmente, o **2º ponto de pauta**, a  
15 fim de deixar a discussão maior do primeiro ponto de pauta para o final. **2.1)**  
16 **Horário de recesso:** O dirigente informou que a Faculdade, no período de  
17 recesso, nos últimos anos, tem funcionado de dez horas da manhã até às  
18 dezenove horas da noite e perguntou aos presentes se todos estavam de  
19 acordo. Lembrando ainda que os vigilantes não estão recebendo e não estão  
20 trabalhando durante o período da tarde. Todos concordaram com o horário. No  
21 entanto, a Pró-Reitoria de Graduação alterou o calendário acadêmico,  
22 prorrogando o período letivo até o dia vinte de fevereiro de dois mil e  
23 dezessete. O Prof. Parada pediu aos departamentos que consultassem os  
24 professores para saber quais iriam dar aula durante essa prorrogação e, assim,  
25 definir quando o horário de recesso entrará em vigor. **2.2) Limpeza:** O Prof.  
26 Parada pediu paciência também aos professores com a limpeza, devido ao  
27 número reduzido de funcionários da Luso e que estamos aguardando o novo  
28 líder da equipe. **2.3) Bebedouros:** Em seguida, o dirigente informou sobre a  
29 rede alternativa de água para os bebedouros e sobre o equívoco da equipe de  
30 manutenção. O técnico-administrativo Francisco Monteiro explicou que equipe  
31 de manutenção da Superintendência de Arquitetura e Engenharia (SAEN) se  
32 enganou sobre um tubo de PVC que desce pelos andares, através do qual  
33 seriam puxadas novas tubulações para ligar aos bebedouros, mas que, na

34 verdade, se trata de um cano para escoar água da chuva. Além disso, a equipe  
35 identificou que os novos bebedouros não possuem filtros internos e, portanto  
36 se não houver uma nova tubulação, filtros externos serão altamente  
37 necessários. O técnico Francisco Monteiro ainda explicou que a alternativa de  
38 passar os canos por fora do prédio também não foi aceita pela equipe de  
39 manutenção, já que se trataria de uma obra, sendo necessário o projeto de um  
40 engenheiro da SAEN. A professora Eunice sugeriu a publicação de notícias  
41 sobre essa situação por meio do jornal da ADUFF. O professor Carlos Parada  
42 e o técnico Francisco se comprometeram a conversar com o superintendente da  
43 SAEN e o coordenador da manutenção para que se encontre a melhor solução.  
44 O professor Jairo Selles se prontificou a ajudar na negociação com a SAEN,  
45 haja vista sua experiência de negociação com as equipes da prefeitura. **2.4)**  
46 **UERJ:** A professora Nívea pediu a palavra para falar sobre a atual dificuldade  
47 financeira da UERJ, que está impedindo suas atividades acadêmico-científicas  
48 e administrativas. A professora informou a existência de um acervo de  
49 fotografia da história da instituição, coordenado pela Nilda Alves, professora  
50 titular da universidade, onde há fotos emblemáticas, a exemplo de fotos de  
51 estudantes negros na década de 70, e que a própria coordenadora produziu  
52 banners com essas imagens. A professora Nívea sugeriu fazer uma exposição  
53 desse trabalho como atividade da Faculdade de Educação em apoio à UERJ e  
54 se dispôs a organizar. Os presentes concordaram e a professora Eunice  
55 Trein ponderou sobre ter mais efeito se for realizado no início do próximo  
56 semestre, considerando o período de férias. O professor Antônio Sepulveda  
57 sugeriu que, independentemente, a Faculdade de Educação poderia lançar  
58 uma nota pública em apoio. Os professores Nívea Andrade e Jairo Selles se  
59 prontificaram a redigir essa nota até o final da atual reunião. Os professores  
60 Jairo Selles e Percival Tavares ainda acrescentaram que essa carta aberta  
61 deveria ser também encaminhada diretamente a outros órgãos, como a  
62 Defensoria Pública da União. O professor Percival sugeriu que, inicialmente,  
63 enquanto se aguarda o retorno das atividades normais, a galeria poderia ser  
64 virtual, por meio de plataformas como os blogs. A professora Nívea apontou  
65 que já existe um movimento das redes sociais de apoio, onde várias pessoas  
66 relatam sua experiência com a instituição e convidou a todos os presentes a  
67 também participarem. **2.5) Segurança:** O professor Jairo Selles retomou a  
68 questão da segurança e dos vigilantes e que estaria disponível para ajudar na  
69 questão. O professor Antônio Sepulveda relatou a falta de luz em volta do  
70 prédio durante a período noturno. O presidente da reunião, Professor Parada,  
71 explicou que tem acontecido frequentemente de um vigia apagar a luz e o outro  
72 não acender. O professor Everardo Paiva ponderou também o perigo de andar  
73 de elevador sem a presença dos vigilantes e que, a alternativa, as escadas,  
74 também estão perigosas devido à falta de luz. O dirigente explicou que, em  
75 cada lugar é uma situação. O administrador Francisco Monteiro informou que já  
76 recebeu a equipe de manutenção algumas vezes e que eles alegam faltam de

77 material, mas que já levou pessoalmente à Coordenação de Manutenção da  
78 SAEN, um memorando solicitando a revisão das lâmpadas e dos reatores das  
79 escadas de todos os andares. O professor Percival Tavares relatou sua  
80 insatisfação com o momento atual, apontando, como exemplo, a portaria  
81 número vinte de treze de outubro de dois mil e dezesseis que prevê a redução  
82 de vagas na Universidade pública. Sendo assim, o professor identifica a  
83 necessidade de sermos criativos para que a situação da UERJ não seja a  
84 nossa no futuro. **2.6) Revista Movimento:** O professor Percival Tavares pediu  
85 a palavra para perguntar sobre a situação da coordenação da Revista  
86 Movimento, na qual ele e a professora Inês assumiram a sexta edição para que  
87 o trabalho não fosse interrompido e enquanto aguardam uma decisão definitiva  
88 sobre como será futuramente essa coordenação. A sexta edição, segundo o  
89 professor, será em homenagem à Gramsci, sendo assim escolhida para  
90 coincidir com o seminário internacional que acontecerá em Campinas. E a  
91 sétima, por sua vez, em homenagem à Paulo Freire. O professor explicou que  
92 o grupo NUFIFE irá ficar responsável pela temática Gramsci e requisitou o  
93 apoio de qualquer grupo de pesquisa interessado em cuidar da temática Paulo  
94 Freire. O dirigente da reunião, professor Carlos Parada, explicou ao professor  
95 Percival que a técnica em assuntos educacionais Viviane está treinando  
96 servidores que irão compor uma equipe de apoio à editoração de revistas da  
97 Faculdade, e que, também está prevista a mudança de sala da vice-diretora  
98 professora Rosane Marendino pra uma sala menor, 317, cedendo, então, sua  
99 sala 313 para que essa equipe tenha um espaço físico próprio. A professora  
100 Eunice disse que na reunião de colegiado da pós-graduação stricto sensu, o  
101 professor Ronaldo explicou que há uma comissão pensando a respeito da  
102 situação editorial na Faculdade, não só da Movimento, e que há a necessidade  
103 do colegiado em questão pautar as questões sobre a coordenação da revista e  
104 como ela seria organizada, se por linhas temáticas, rodízio, etc. Segundo a  
105 professora, nada ainda não foi resolvido, mas que essa questão foi levantada.  
106 A professora aproveitou ainda para apontar a falta de participação dos  
107 professores da pós-graduação nas conversas sobre os assuntos da Faculdade,  
108 haja vista que muitos professores são aposentados, outros são de outras  
109 unidades ou, ainda, outras instituições e que, por esses motivos, eles não  
110 participam, por exemplo, da lista de e-mails. Dessa forma, segundo a  
111 professora, eles não ficam informados dos assuntos administrativos e dos  
112 problemas da Faculdade, pelos quais eles também deveriam se sensibilizar. O  
113 professor Everardo retomou sobre a revista Movimento, no qual participa da  
114 comissão da revista desde sua retomada, e relatou que ainda não foi  
115 equacionada a situação da coordenação da revista e da comissão editorial e  
116 que, o colegiado de unidade deveria tomar uma decisão a respeito. O professor  
117 ainda informou que na última reunião do programa da pós-graduação foi feita,  
118 de fato, a proposta que o programa assumisse a revista através de suas linhas  
119 de pesquisa. Assim, por exemplo, cada linha ficaria responsável pela edição da

120 revista por dois ou três anos. Mas a linhas não tomaram essa decisão, pela  
121 qual, segundo o professor, também não poderiam se responsabilizar, pois essa  
122 decisão deveria vir pelo colegiado de unidade. Assim, o professor Everardo  
123 propôs aos presentes pensarem sobre qual será a posição do colegiado. A  
124 professora Eunice ponderou que o programa precisa reconhecer a  
125 responsabilidade da revista e que, embora as outras revistas sejam  
126 importantes, a Movimento é central na Faculdade de Educação. A professora  
127 reafirmou que é necessário que a pós-graduação pautasse esse assunto e que os  
128 professores do programa participem mais dessa discussão. A professora  
129 Zuleide Simas lembrou que a comissão não desenvolveu seus trabalhos em  
130 decorrência da licença do professor Percival, da ocupação e da greve dos  
131 servidores técnicos-administrativos. O professor Everardo disse ainda que é  
132 preciso formalizar a coordenação, independente de uma comissão, para que se  
133 tenha alguém que assuma a responsabilidade de encaminhar a revista e não  
134 se torne uma atitude de voluntariado, pela qual a experiência mostrou que não  
135 dá certo, pois, além de um trabalho administrativo e de organização, há  
136 também a necessidade de articulações com outros editores de revistas  
137 universitárias e que alguém que precisa estar presente nesse sentido. Assim, o  
138 professor sugeriu que a direção da Faculdade analise as negociações internas  
139 e aponte uma solução. A professora Eunice lembrou que no programa do  
140 programa de pós-graduação, o movimento de pensar na revista já vem  
141 acontecendo desde que a Capes passou a exigir dos programas, a editoração  
142 de uma revista, mas, que desde então, os problemas de infraestrutura têm  
143 surgido: necessidade de revisor, de tradutor, servidores capacitados para dar  
144 apoio, etc. Junto a isso, segundo a professora, vem acontecendo o acúmulo de  
145 trabalho dos professores. A professora Valdelúcia Alves da Costa pediu a  
146 palavra e disse que na reunião da pós-graduação tem se discutido a história da  
147 revista e a qual lugar ela pertence, se à Faculdade ou se ao programa de pós-  
148 graduação, e que, a revista precisa ser institucionalizada e ter um aporte  
149 financeiro. Para a professora, a discussão precisa ser ampliada além do  
150 programa, antes de qualquer decisão, convocando a participação de todos dos  
151 departamentos. O presidente, professor Carlos Parada apontou novamente  
152 para a importância de se conhecer a revista, diante da ponderação de todos  
153 sobre onde a revista pertence. Os membros do colegiado decidiram por se  
154 fazer uma vitrine das edições anteriores da revista para dar visibilidade do  
155 trabalho à toda comunidade. **2.7) Reformulação Curricular:** A professora Zoia  
156 Prestes informou que a Comissão de Reformulação Curricular irá retomar suas  
157 atividades em uma reunião na segunda semana de março e trabalhar durante  
158 toda a semana para esboçar a proposta que será apresentada à Faculdade. O  
159 dirigente da reunião passou, então, para o **1º ponto de pauta**. O diretor da  
160 Faculdade explicou que decidiu pelo acontecimento da reunião na sala Paulo  
161 Freire, esperando uma maior participação da Faculdade em todos os âmbitos,  
162 tendo feito o convite, aos estudantes, por meio do DA, e, principalmente, aos

163 estudantes que participaram da ocupação. O dirigente esclareceu que a  
164 intenção da pauta é justamente a avaliação pedagógica, isto é, analisar como  
165 podemos crescer diante do ocorrido. Segue agora o relato dos professores na  
166 ordem de inscrição. **A professora Maria Tereza Esteban** apontou a presença  
167 de poucos alunos na última reunião com os estudantes, ainda durante a  
168 ocupação, e que ficou preocupada com as posições desses alunos. Para a  
169 professora, umas das reclamações é muito difusa e de difícil compreensão: as  
170 aulas convencionais. A proposta de reformulação curricular, segundo a  
171 professora, a qual ela não tem conhecimento de como está sendo  
172 desenvolvida, mas que ela acredita ser uma oportunidade para retomar essa  
173 questão e tentar buscar quais são as queixas dos alunos, fazendo disso uma  
174 discussão integrada às práticas cotidianas dos professores. **A professora**  
175 **Mariana Vilela** disse que sentiu falta de atividades que dessem visibilidade a  
176 pauta que os alunos reivindicavam e que essa pauta também não estava clara,  
177 sendo interessante cobrar isso dos alunos de alguma maneira. Para a  
178 professora, não é possível ignorar o que aconteceu, mas que, a exemplo das  
179 conversas que teve com seus alunos, ouviu deles que eles sentem que  
180 não tem um espaço para o diálogo. A professora então, questionou-os sobre  
181 esse que espaço seria esse, se eles esperavam que ele fosse dado, e o que a  
182 ocupação fez para isso, já que em outros momentos como no seminário,  
183 organizado por eles em maio, e o formulário de avaliação tiveram baixa  
184 participação dos alunos. A professora elucidou, como exemplo, a reivindicação  
185 dos alunos do curso de biologia, que pediram que determinadas atividades,  
186 ocorridas durante a ocupação, fossem mantidas, propondo, inclusive, o “dia do  
187 ocupa” a acontecer semestralmente, objetivando o debate das questões  
188 levantadas por eles. Diferentemente, a professora não conseguiu identificar  
189 uma pauta clara por parte dos alunos e questionou se os professores não  
190 deveriam esperar uma posição deles. **A professora Zoia Prestes** relatou que  
191 ela e o professor Julian Gindin debateram os currículos de vários cursos nas  
192 aulas de didáticas, onde haviam alunos de diversos cursos. Após a ocupação,  
193 a professora realizou um debate sobre o ocorrido, questionando-os sobre quais  
194 teriam sido os objetivos e os ganhos da ocupação, não apenas na Faculdade  
195 de Educação. Segundo a professora, o que mais chamou sua atenção foi que  
196 os alunos de alguns cursos, a exemplo da História e do Serviço Social,  
197 defenderam veementemente a ocupação, enquanto os alunos da Pedagogia,  
198 que estavam nessa turma, não participaram da ocupação e relataram ainda,  
199 diversas situações vividas, como a dificuldade de entrar no prédio, e outras  
200 reclamações, a exceção de uma aluna que disse que tentou participar, mas  
201 não conseguiu. A professora questionou-os porque eles achavam que um  
202 grupo pequeno de alunos, em comparação ao total, conseguiu ocupar e fechar  
203 uma faculdade. O intuito da professora foi de fazer os alunos refletirem que,  
204 mesmo sendo um grupo pequeno, a organização fez com que eles  
205 conseguissem tal feito, diferente de quem estava de fora e que, mesmo em

206 maior número, não conseguiu se organizar. A professora disse que ficou  
207 satisfeita, pois como a grande maioria era de formandos, eles começaram a  
208 olhar para trás e observaram a falta de participação e posicionamento que  
209 tiveram durante o percurso acadêmico. Além disso, a professora Zoia Prestes,  
210 ainda relatou que, durante esse debate, um dos objetivos mais citados foi a  
211 PEC, apesar do discurso de que sabiam que ela seria aprovada estivesse  
212 sempre presente. Outro ponto sublinhado pela professora foi de que os alunos  
213 colocaram também como objetivo, o repensar do currículo, destacando como  
214 ganho nesse ponto, a experiência positiva que tiveram com os encontros de  
215 professores de diferentes cursos, durante a ocupação, que, provavelmente,  
216 nunca se encontrariam em situações tradicionais. Segundo a professora, os  
217 alunos destacaram que os professores saíram do lugar daqueles que apenas  
218 propõem para o de atender as demandas dos próprios alunos. **A professora**  
219 **Valdelúcia Alves** relatou que, ao longo dos seus vinte e cinco anos de  
220 faculdade, não se sente pronta para se aposentar, pois acredita que seja o  
221 momento de se deixar a universidade, mas, sim, de todos estarem juntos.  
222 Parafraseando Adorno, a professora falou sobre a importância, para combater  
223 a barbárie, do não esquecimento do passado. A professora informou sobre a  
224 aula aberta a acontecer na presente data, onde discutirá sobre a ocupação e  
225 convidou a todos participarem, atividade essa que dá continuidade a outras  
226 duas aulas que já havia ministrado. Nessas aulas, a professora disse ter  
227 observado que a maioria dos alunos presentes, opinaram que essa ocupação  
228 teria sido mais uma manifestação ativista do que uma manifestação política.  
229 Isso preocupou a professora pela falta de projeto e pela perda do caráter  
230 formativo. A professora falou de sua participação no CUV e que tem observado  
231 a fragilidade de autoridade e como isso é perigoso à democracia, tendo  
232 presenciado situações de falta de respeito. A professora lembrou que o  
233 momento é de calma, mas também de enfrentamento e parafraseou mais uma  
234 vez Adorno: ele afirma que são importantes as reformas pedagógicas, mas elas  
235 não bastam quando não alteram a sua base teórica-filosófica e só mudam a  
236 fachada. A professora apontou que para se atender à demanda de  
237 reconstrução que os alunos pedem é preciso cuidado e que os professores  
238 politizem sua própria vocação afim de que a discussão não se torne uma mera  
239 retórica e que reproduza práticas já consideradas há muito tempo ocas,  
240 principalmente, frente ao cenário atual de enfraquecimento da esquerda. **O**  
241 **professor Everardo Paiva**, relatou suas impressões, sublinhando,  
242 inicialmente, que no ano de dois mil e dezesseis, tivemos três semestres e,  
243 quando os professores achavam que estavam terminando, aconteceu a  
244 ocupação. A segunda impressão foi que a motivação inicial da ocupação, a  
245 rejeição à PEC, foi atravessada por outras questões diversas (raça, gênero  
246 etc.), o que ocasionou conflito entre os estudantes; entre os estudantes e os  
247 professores e; também, entres professores e professores. Segundo o professor  
248 Everardo, durante esse processo, os professores transitavam entre um círculo

249 e outro, havendo diversas leituras sobre ocupação e, portanto, para ele, foram  
250 várias ocupações e não somente uma. Essa diversidade, para o professor,  
251 causou dificuldades no andamento das atividades letivas, pois possuía turmas  
252 em cursos e prédios diferentes, dos quais os alunos podiam estar participando  
253 ou não da ocupação e os prédios, por sua vez, podiam ou não estarem  
254 ocupados. Ainda assim, o professor se posicionou, desde o primeiro momento,  
255 em apoio à ocupação, construindo esse apoio por meio da participação nas  
256 atividades programadas, criando atividades coletivas com a participação de  
257 outros professores e outras atividades que mantinham a comunicação entre ele  
258 e suas turmas. O professor pontuou também outro atravessamento, assim  
259 chamado por ele, dentre todos que dera um caráter plural a ocupação: a  
260 rejeição da manutenção das aulas tradicionais. No entendimento do professor,  
261 essa demanda dos alunos por aulas alternativas, seria em substituição às aulas  
262 tradicionais e, portanto, organizou com os alunos essas atividades. Assim, para  
263 o professor, após a ocupação, conversou com seus alunos e acordaram que  
264 não haveria reposição a fazer, já que não haveria sentido repor aulas,  
265 justamente tradicionais. **A professora Zuleide Simas** disse que ainda não  
266 teve oportunidade de fazer uma avaliação com seus alunos, mas que  
267 percebeu, por meio de conversas isoladas e trocas de e-mails com os alunos,  
268 que a pauta estava realmente difusa. A professora disse que manteve  
269 atividades durante a ocupação, como as do professor Everardo, e que  
270 trabalhou com diversos professores, propondo outras atividades, incluindo a  
271 pós-graduação. A professora avaliou que eles gostaram e que pediram que se  
272 mantivessem essas atividades. A professora relatou que a experiência da aula  
273 externa ao prédio ainda permitiu a conversa com professores que,  
274 coincidentemente, passavam por perto e eram chamados por ela. A professora  
275 disse que os alunos também reivindicaram uma autonomia e que ela não acha  
276 que esteja claro o que eles entendem por autonomia, mas, ainda assim, para  
277 ela foi um momento muito rico para todos repensarem as relações dos  
278 professores com os alunos. **O professor Julián Gindin** disse que a quem  
279 corresponde fazer uma avaliação plena do processo são os próprios  
280 estudantes. O professor apontou que nos seus cinco anos de Faculdade de  
281 Educação, o movimento estudantil sempre foi fraco, com pouca participação, e  
282 que, diante dessa história pobre, o acontecido foi algo gigantesco, com grande  
283 importância para a formação política dos alunos. O professor colocou também  
284 sua posição em relação aos professores, primeiramente, apontando que,  
285 apesar da pouca participação, os professores que estão envolvidos com a  
286 política da Faculdade estavam trabalhando com um alto grau de unidade.  
287 Nesse sentido, o professor viu a ocupação como a primeira crise que deixou,  
288 inclusive, a direção em uma situação muito difícil, pois ela precisou estar à  
289 frente da negociação com os alunos. Em relação ao colegiado, o professor  
290 lembrou da comissão votada que, inclusive, foi proposta por ele, uma vez que  
291 os alunos não queriam negociar com a direção. No entanto, o professor disse

292 ter sido um erro essa proposta, pois os alunos entenderam que foi uma  
293 comissão criada para os tutelar, mesmo não tendo sido isso o acontecido. Para  
294 o professor deveria ter sido criado um espaço horizontal democrático para  
295 discussão, convocando toda a faculdade e não somente o colegiado, ainda que  
296 o colegiado esteja aberto a todos. O professor acredita ser importante a  
297 assembleia com os estudantes sobre reformulação curricular e que a tanto a  
298 direção como a coordenação deveriam passar uma vez por semana nas salas  
299 de aula chamando os alunos para o debate, além dos convites por e-mail e  
300 redes sociais. **A professora Mariana Vilela** voltou a falar sobre a necessidade  
301 de se pensar em qual será estratégia, questionando qual será o espaço de  
302 discussão de reforma curricular. Para a professora, se isso partir dos  
303 professores, a resposta esperada será igual à do outro seminário já realizado.  
304 **A professora Zoia Prestes** pediu para complementar a fala da professora  
305 Mariana, relatando que os alunos de história contaram nas aulas sobre a  
306 reforma do curso deles e como isso aconteceu por pressão dos próprios  
307 alunos. Para a professora Zoia, isso foi muito significativo para os alunos da  
308 pedagogia que ficaram impressionados com essa atitude e como eles  
309 conseguiram incluir disciplinas no curso. Segundo a professora os alunos da  
310 pedagogia aproveitaram para reclamar que não eram ouvidos. **A professora**  
311 **Mariana** retomou a fala dizendo que, para ela, ainda assim, agora deveria  
312 partir deles, pois, se não, será os professores propondo mais uma vez e não  
313 eles, podendo criar ainda mais conflitos. **A professora Maria Tereza Esteban**  
314 ponderou que os professores ficam muito tempo na faculdade e os alunos  
315 apenas quatro anos e, portanto, o que eles conseguem acumular sobre o que é  
316 o currículo, o que é uma proposta de currículo, é muito reduzido, considerando  
317 o contexto mais amplo. A professora disse que, na medida em que o corpo  
318 docente foi se modificando, ela não vê sentido em uma reforma curricular, sob  
319 o risco de se mudar o currículo apenas superficialmente e não fazer  
320 transformações. A professora lembrou que quando ainda era aluna a discussão  
321 já acontecia e que, portanto, é uma discussão muito longa. Ela percebeu  
322 queixas pontuais dos alunos e falta de compreensão do que era um processo  
323 formativo. Para a professora, estamos trabalhando com a superfície das  
324 manifestações e lembrou que, na avaliação do ENADE, a nota baixa veio das  
325 respostas dos próprios alunos que foram muito críticos em relação aos  
326 professores. A posição da professora é de que é preciso chamar os alunos e  
327 não esperar que venha deles, justamente, pelo pouco tempo que eles ficam na  
328 faculdade. A professora lembrou que os alunos reclamaram que não são  
329 ouvidos, mas tem voz e voto em todos os colegiados. Uma hipótese seria  
330 pensar que eles entendem como tutela, em um espaço que a maior parte é  
331 docente. Então, para a professora, é preciso que alunos criem o espaço deles  
332 se assim pensam e que seja algo que legitime seus questionamentos, que  
333 sejam enfrentamentos políticos. A professora tem observado, ao invés disso,  
334 um descompromisso crescente, sendo, estranho, alunos que não vem aula,

335 mas recebem nota dez. Para a professora é preciso repensar um projeto de  
336 formação para essas questões cotidianas. **A professora Zoia Prestes**  
337 esclareceu que a ideia da reformulação curricular surgiu a partir da  
338 necessidade da Faculdade de se adequar às diretrizes de uma resolução do  
339 Conselho Nacional de Educação, válida até junho desse ano. A professora  
340 lembrou que a proposta era fazer uma reformulação estruturada e não apenas  
341 um remendo e, portanto, é preciso que a Faculdade tenha um projeto. **O**  
342 **professor Jairo Selles** iniciou sua fala sublinhando que a principal luta de  
343 todos os setores da Faculdade é pelos direitos humanos e sociais, os quais  
344 deveriam ser o núcleo curricular. O professor entende que nem tudo mundo  
345 concordo com esse pensamento, mas, em sua análise, durante a ocupação,  
346 um dos pontos em destaque, por exemplo, foi a questão de gêneros. O  
347 professor disse que a formação na universidade ainda é sexista e que isso  
348 deve ser desconstruído internamente. É uma questão de urgência colocar tanto  
349 questões de gênero como de homossexualidade nas disciplinas. E, apesar dos  
350 alunos não terem tido um projeto político, entrar em conflito com os discentes  
351 por essas questões, faz com que se perca o foco na principal questão: o  
352 desmonte da universidade. Assim, é preciso pensar nos direitos humanos para  
353 quebrar o preconceito interno e, por outro lado, não deixar que essa discussão  
354 afete a luta contra o desmonte da universidade que tem recebido, segundo o  
355 professor, inclusive, dinheiro internacional. **A professora Eunice Schilling** que  
356 já fez a avaliação da ocupação quando se reuniram com os alunos em outro  
357 momento. Para a professora, essa ocupação faz parte de um contexto  
358 nacional, no qual os alunos universitários se viram confrontados com os alunos  
359 secundaristas, isto é, os universitários se viram desafiados frente a mobilização  
360 e ocupação que haviam feitos os alunos secundaristas. Para a professora esse  
361 foi um dos elementos que fundamentou a ocupação e não somente os  
362 sentimentos em relação, por exemplo, à PEC - que muitos não sabiam do que  
363 se tratava – ou à reforma curricular – que muitos estudantes recém chegados à  
364 universidade estavam reivindicando sem conhecer o currículo. Assim, para a  
365 professora, foi um ato espontâneo, mas com situações diferenciadas  
366 dependendo do aluno que participava da ocupação, e também dos que não  
367 participaram, como os alunos que foram contra ou que quiseram participar e  
368 não puderam. A professora apontou que não teve problemas com os alunos  
369 durante a ocupação e que sobraram três pontos. O primeiro é que falta  
370 ocupação na universidade dos professores e dos alunos. O segundo ponto é  
371 que a universidade deve retomar o eixo da discussão não só dos direitos, mas  
372 também dos deveres dos alunos e dos professores, estes últimos, aqui na  
373 Faculdade responsáveis pela formação de professores do ensino fundamental  
374 e médio e, pela pós-graduação, do ensino superior. Sobre este último caso, a  
375 professora disse que sempre brigou pela formação ampla, e não somente uma  
376 formação por meio de autores preferidos, pois isso é uma limitação de  
377 horizonte. E os alunos, por sua vez, precisam entender que eles não estão aqui

378 somente para usufruir da universidade, mas que estão ocupando um espaço de  
379 formação de professores das séries iniciais da escola pública. Essa discussão  
380 se perdeu no tempo. A professora lembrou que quando entrou na universidade,  
381 em 1992, os docentes fizeram uma proposta curricular na forma como eles  
382 entendiam esse compromisso de formação professores. Hoje, com a  
383 renovação de sessenta por cento do corpo docente, é preciso que se rediscuta  
384 essa questão e que os atuais professores façam um novo projeto. Para a  
385 professora, atualmente, a prioridade são as atividades meios, como atualização  
386 de currículo lattes, sucupira, entre outros, em detrimento da atividade fim, que é  
387 a formação de professores. A professora perguntou que se cumpre essas  
388 atividades meios para quê? Sobre a resposta dessa pergunta é que a  
389 Faculdade deve refletir. e reposicionar sobre seu projeto político pedagógico. O  
390 terceiro ponto é que os docentes devem se conscientizar que há um embate de  
391 fração de classe, entre uma classe trabalhadora - que está entrando na  
392 universidade e que, segundo a professora, não abraça os preceitos e a cultura  
393 de comportamento nos espaços em relação à autoridade – e uma classe  
394 trabalhadora que viveu o projeto de ascensão social – que vieram da classe  
395 trabalhadora, se tornaram doutores e professores universitários, a partir de  
396 uma cultura burguesa. Os novos alunos vêm dessa nova matriz cultural. E essa  
397 discussão, segunda a professora, não deve ser feita pelas redes sociais, deve  
398 ser feita presencialmente, assim como é o curso. A professora disse que sua  
399 análise da ocupação, é que falta ocupação. Ocupar não significa somente lutar  
400 pelos nossos direitos, mas também para garantir a produção de possibilidades  
401 de exercermos os nossos deveres. Segundo a professora, é preciso sabermos  
402 nossos deveres como servidores públicos e professores, para então saber o  
403 que devemos reivindicar como nossos direitos. Para a professora, os alunos  
404 não se organizaram, não construíram um projeto, mas fizeram a ocupação  
405 possível quando se sentiram desafiados a lutar também. Para a professora  
406 todos aprenderam alguma coisa, e todos erraram também. As questões de  
407 gênero, por exemplo, a Faculdade não está enfrentando as denúncias, e não  
408 no sentido de abrir processo, mas de discutir, de se preocupar e de se ocupar  
409 com isso. É preciso também conquistar os alunos, tendo em vista que muitos  
410 alunos entram no curso porque foi o que a nota permitiu. Segundo a  
411 professora, todas essas questões e muitas outras não podem ser levadas pelo  
412 lado pessoal. Ainda sobre a reformulação, a professora apontou que é preciso  
413 compromisso com o conteúdo do formador e não se pode substituir aula por  
414 qualquer coisa interessante, pois estudar não é só diversão, é preciso esforço e  
415 há conteúdos que não podem ser substituídos. A professora disse que a lição  
416 da ocupação é que não houve ocupação. **Terminadas as inscrições** para a  
417 pauta, o dirigente pediu à professora Nívea que lesse a carta de apoio à UERJ  
418 produzida por ela pelo professor Jairo durante a reunião. Todos os presentes  
419 aprovaram o texto. Nada mais havendo a tratar, o Prof. Carlos Parada encerrou  
420 a reunião às dezessete horas e quarenta e cinco minutos. Eu, Francisco

421 Monteiro de Souza Neto, lavrei a presente ata, que segue assinada por mim e  
422 pelo Presidente do Colegiado de Unidade.

### **Resumo das resoluções aprovadas:**

1. Consulta aos professores pelos departamentos e coordenações para que identifiquem quais iram ministrar aulas durante o período letivo estendido.
2. O diretor professor Carlos Parada e o administrador Francisco Monteiro irão cobrar da Coordenação de Manutenção uma resposta em relação aos bebedouros;
3. Uma carta de apoio à UERJ foi redigida pelos professores Nívea e Jairo para posterior digitalização pela secretaria da direção e divulgação pública. A professora Nívea irá pensar em como poderá ser feita a exposição do acervo de fotos históricas da UERJ para o início do próximo semestre.
4. Os membros do colegiado decidiram pela realização de uma vitrine das edições anteriores da revista para dar visibilidade do trabalho à toda comunidade.

**Francisco Monteiro de Souza Neto**

Administrador / Secretário de Unidade

**Prof. Carlos João Parada Filho**

Diretor da Faculdade de Educação